

# UM OLHAR PARA A CONSTRUÇÃO DO FEMININO: UMA ANÁLISE DA OBRA O SEGUNDO SEXO DE SIMONE DE BEAUVOIR

A LOOK AT THE FEMALE CONSTRUCTION: AN ANALYSIS OF THE WORK THE SECOND SEX OF SIMONE DE BEAUVOIR

Juliana Albertina Klein <sup>1</sup>

Andressa Thais Malher <sup>2</sup>

Bruna Luiza da Rosa Sebastiany <sup>3</sup>

KLEIN, J. A.; MALHER, A. T.; SEBASTIANY, B. L. da. R. Um olhar para a construção do feminino: uma análise da obra o segundo sexo de Simone de Beauvoir. **Akrópolis**, Umuarama, v. 30, n. 2, p. 267-289, jul./dez. 2022.

Recebido em: 19/09/2022

Aceito em: 17/10/2022

DOI: 10.25110/akropolis.v30i2.8376

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo lançar um olhar para a construção do feminino a partir da perspectiva de Simone de Beauvoir, em especial da obra “O Segundo Sexo”. Na construção deste, levou-se em consideração as contribuições que a mesma desenvolveu para compreender a constituição do feminino e como as relações sociais e culturais influenciam na construção de um estereótipo sob o ser mulher. Buscou-se refletir e dar visibilidade a uma temática que continua ainda sendo muito negligenciada da sociedade. E na maioria das vezes apresentada em um discurso que nos remete a uma sociedade patriarcal, onde a mulher seja submissa ao marido e ao lar e o homem como o único provedor da família. Apesar disso, a sociedade segue avançando muito em certos aspectos da independência e conquista feminina, e é importante que a psicologia lance seu olhar sob essas mulheres, suas vivências e o significado que dão para seu existir, e para este ideal nomeado por regras patriarcais de “feminino”.

**Palavras-chave:** Beauvoir; Construção do feminino; Existencialismo; Feminismo; Patriarcado.

---

<sup>1</sup> Docente e coordenadora do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense (UNIPAR) - Campus Cascavel, Psicóloga Clínica, Especialista em Fenomenologia Existencial e Recursos Humanos.

E-mail: [julianaklein@prof.unipar.br](mailto:julianaklein@prof.unipar.br)

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR) - Campus Cascavel.

E-mail: [andressa.malher@edu.unipar.br](mailto:andressa.malher@edu.unipar.br)

<sup>3</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR) - Campus Cascavel.

E-mail: [bruna.sebastiany@edu.unipar.br](mailto:bruna.sebastiany@edu.unipar.br)

## A LOOK AT THE FEMALE CONSTRUCTION: AN ANALYSIS OF THE WORK THE SECOND SEX OF SIMONE DE BEAUVOIR

**Abstract:** The present work aims to take a look at the construction of the feminine by the perspective of Simone de Beauvoir, especially from the work “The Second Sex”. In its construction, was considered the contributions that the own author developed to understand the constitution of the feminine and how social and cultural relations influence the construction of a stereotype about being a woman. We tried to reflect and give visibility to a theme that is still very neglected by society. And most of the time presented in a speech that takes us back to a patriarchal society, where the woman is submissive to her husband and home and the man who makes himself recognized as the only provider in the family. Despite this, society continues to advance a lot in certain aspects of female independence and conquest, and it is important that psychology looks at these women, their experiences and the meaning they give to their existence, and to this ideal named by patriarchal rules of "feminine".

**Keywords:** Beauvoir; Female construction; Existentialism; Feminism; Patriarchy.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho foi idealizado a partir da falta que sentimos em refletir sobre a constituição do ser mulher, bem como o quanto a sociedade influencia e muitas vezes tortura a mulher a partir da imposição de um modelo baseado no senso comum, de como se deve ser mulher. Consideramos extremamente importante um movimento de desnaturalização de conceitos, verdades, comportamentos e definições marcadas no corpo e na história de vida das mulheres na contemporaneidade.

Sabe-se que o o movimento feminista em muito tem contribuído na elucidação de questões sobre as mulheres, e que muitas são discutidas atualmente, tais como: a inserção no mundo do trabalho, igualdade salarial, violência de gênero, entre outras. Questões estas, que consideramos muito importantes e presentes em nossas vidas. É importante que a Psicologia, como uma área de conhecimento científico, se envolva nestas questões, dedique-se a olhar a mulher e os significados que se atribui e se constrói sobre ela, como compromisso social. Esta não pode ser percebida de forma desconectada do mundo em que está inserida, ela precisa ser vista como uma corporeidade, temporalidade e materialidade, a fim de que possa ser compreendida em sua totalidade como uma liberdade, como um ser no mundo.

Procuramos no decorrer deste trabalho apresentar como o ideal feminino se constrói e se naturaliza, tanto no campo biológico, quanto no cultural e psicológico, seguindo os passos de Simone de Beauvoir, na obra *O Segundo Sexo*. A mesma descreve de forma detalhista como nestes três âmbitos a mulher é desenhada e definida por uma sociedade patriarcal e para tanto, sempre vista como “o Outro”.

Faremos uma breve exposição das ideias que motivaram Simone a escrever o Segundo Sexo, quais contextos a mesma encontrava-se e qual o olhar da Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial para esta mulher, partindo da visão de que a mulher como todo e qualquer ser humano, é um ser em construção, um ser de possibilidades e dessa forma tem a liberdade de escolher dentro de sua realidade e de se constituir de forma autêntica.

Considerando que Beauvoir foi uma das primeiras escritoras a escrever sobre a mulher, a partir do lugar de uma. Pontuou muitas questões relevantes e que prevalecem até hoje, como por exemplo, a questão de que ninguém nasce determinado a se tornar tal coisa, somos seres em relação e com isso vamos nos construindo e existindo neste mundo. Buscamos entender como as relações influenciam na construção da definição do feminino e como isso acaba afetando de certa forma, o olhar que a mulher tem de si mesma perante a sociedade.

Sabemos da complexidade do tema e de quanto o mesmo não se esgota em uma única pesquisa ou artigo, todavia sabemos da importância de olhar para esta temática, que nos envolve enquanto pesquisadoras, bem como, da importância de trazer sempre a luz da discussão científica, questões que são naturalizadas na sociedade, como instinto materno, feminilidade, fragilidade, lugar de mulher, padrões de beleza que são impostos e colocam a mulher em sofrimento por não aceitar, ou nunca estar satisfeita com a imagem que vê refletida no espelho.

### **APRESENTANDO SIMONE DE BEAUVOIR**

Simone de Beauvoir, escritora, filósofa, foi com toda certeza uma mulher com ideais diferentes daqueles previamente instituídos pela época em que viveu. Mas, Simone, não influenciou somente o seu tempo, pois hoje, é considerada uma das mulheres mais influentes na construção do movimento feminista. Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, nasceu na cidade de Paris, na França, no dia 9 de janeiro de 1908, em uma família burguesa e católica, de situação estável, tendo uma infância relativamente privilegiada. (ROSA; MACHADO, 2016).

Simone pertencia a uma família burguesa, o que lhe deu a possibilidade de frequentar boas escolas, facilitando a sua entrada no “mundo dos homens”. Quando Simone escreve O Segundo Sexo, lança um olhar para si e para as mulheres da sua época, que não tiveram a mesma oportunidade que ela, pois, se encontravam inseridas em uma sociedade patriarcal.

Simone teve uma educação incomum para outras mulheres da época, que normalmente não chegavam ao ensino superior. Em 1925, iniciou o Ensino superior, lançando-se primeiramente ao projeto de ser escritora, sua intencionalidade era ganhar notoriedade neste meio. Todavia, seu encontro com Sartre e a carreira como docente no meio universitário a levou também aos caminhos da filosofia. Assim, conquistou grande visibilidade com a obra *O Segundo Sexo* lançado em 1949, onde ela descreve de forma magistral a questão do ser mulher, há muito negligenciada pela literatura. (ROSA; MACHADO, 2016)

*O Segundo Sexo* foi um divisor de águas no pensamento feminista, pois, trata de “questões das mulheres” a partir de um lugar de mulher, quebrando tabus. Ela, enquanto mulher, ao falar das relações de poder entre os sexos rompia o interdito, pois, a mulher sempre foi compreendida como o outro do outro, sempre olhada a partir do filtro masculino e de uma sociedade patriarcal, que coisifica a mulher e desta forma influencia na limitação de sua existência.

Quando lançada a obra *O Segundo Sexo*, ocorreu um movimento de repúdio e indignação, por parte da comunidade francesa e de boa parte dos intelectuais de sua época. Várias foram as críticas a sua obra, inclusive apontaram a mesma, como um compêndio de pornografia e um “lixo” de obra. Isto porque, “com *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir tirou o véu de assuntos que não deviam vir a público muito menos pelas mãos de uma mulher”. (REIS, 2008, p. 49)

Faz-se necessário contextualizar o momento em que Simone escreve *O Segundo Sexo*, no final da Segunda Guerra Mundial. Durante o movimento da Guerra, algo novo aconteceu, devido ao maior envolvimento dos homens no exército e no *front*, tivemos uma lacuna, uma abertura que possibilitou as mulheres começarem a ocupar espaços masculinos, tanto nos bastidores como na linha de frente, de indústrias, comércios e outros espaços. Porém, assim que a guerra acabou, os homens retornam para casa e para ocupar seus postos de serviço, e um movimento de retrocesso se inicia, sendo a mulher mandada de volta para os cuidados domésticos, nesse período tem se várias campanhas incentivando a natalidade devido à baixa populacional, resultado iminente do envolvimento em uma Guerra Mundial. Impõe-se que a mulher volte para seus lares e dedique-se somente aos cuidados da casa e perpetuação da espécie.

A princípio o seu estudo da condição do ser mulher, que resultou em *O Segundo Sexo*, era para “falar de si”, com isso precisou fazer amplo retrospecto. Calado (2012) aponta que Beauvoir ao reconhecer sua condição de mulher, composta mais por invenções

culturais do que por determinismos biológicos, concluiu que estava ela também inserida num sistema. Simone ao dedicar-se ao existencialismo, a compreensão e vivência de suas premissas passa a compreender o ser enquanto concreto, ou seja, o sujeito nasce com uma dada condição física e fisiológica para estabelecer relações com o mundo.

Compreendendo que todos os seres humanos se constituem a partir da dialética singular/universal, ou seja, são o resultado das relações que estabelecem com as questões sociais que o rodeiam. Desta forma todo ser humano encontra-se inserido em condições materiais, sociais, culturais e temporais que vão constituindo sua subjetividade. O ser humano é sempre concreto, e existe no mundo, estabelece relações com o mundo e somente após isso se constitui, se personaliza. Todos nós nascemos em um determinado contexto social, em um momento histórico e cultural e são esses valores que vão forjando nosso projeto, em outras palavras, nossa singularidade. (SCHNEIDER, 2011)

Beauvoir, apresenta as várias naturalizações que foram feitas sobre o ser mulher, o que resultou em uma série de preconceitos. É necessário salientar que “[...] nenhuma realidade humana é “natural”, por isso podem ser investigadas e compreendidas as causas da criação destas tradições, cada mulher poderia descobrir-se sujeito”. (CALADO, 2012, p. 71).

Apesar de ter sido uma mulher privilegiada com uma liberdade que não era comum para época, Beauvoir procurou mostrar que determinadas situações não eram dadas, mas que deveriam e poderiam ser transformadas para que isso não fosse apenas sorte de uma privilegiada, mas sim a realidade de qualquer uma. (CALADO, 2012)

Abalada pela eclosão da Segunda Guerra Mundial (...) Beauvoir afirma, nas suas autobiografias, ter despertado para sua ligação com o outro, para a importância da coletividade, para o peso da história, para a relevância da participação política e do engajamento social.(CALADO, 2012, p. 23)

Nos seus escritos, Simone defendia a igualdade entre homens e mulheres, emancipação social, liberdade e independência feminina. Mas também compreendia que simular uma igualdade entre homens e mulheres, manteria estas, no lugar do outro. Visto que, a sociedade sempre olhou a mulher a partir de uma leitura e interpretação do mundo a partir do viés masculino.

O que recusamos é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos; não explicam por que a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada.(BEAUVOIR, 1949, p. 52)

Além de *O Segundo Sexo* (1949) Beauvoir escreveu também livros autobiográficos, como *Memórias de uma moça bem comportada* (1958), *A força da idade* (1960), *A força das coisas* (1963), *Uma morte muito suave* (1964), *A Velhice* (1970) e *O balanço final* (1972). Também *Romances*, como *A Convidada* (1943), *O Sangue dos Outros* (1945), *Os Mandarins* (1954) e *A Mulher Desiludida* (1967).

Até bem pouco tempo, a figura de Simone de Beauvoir, sempre era apresentada atrelada a Jean P. Sartre, filósofo e pensador que em muito influenciou a filosofia e a psicologia existencialista no século XX. A amizade com Jean-Paul Sartre iniciou em 1929 e perdurou durante toda a vida deste.

A narrativa da sua vida, inúmeras vezes, misturou-se intimamente à de Sartre. Compartilhavam em tantos aspectos o mesmo posicionamento, que, com bastante frequência, um se tornava a extensão do outro: assim, Beauvoir apresentou a união que durou mais de cinquenta anos. (CALADO, 2012, p. 58)

Esta simbiose é tão enfatizada que podemos citar duas biografias que apresentam os dois, *A cerimônia do Adeus* (1981) e *Uma relação perigosa* (2009). Em ambas as obras, os dois são apresentados como indivíduos, mas, também como casal, tendo em vista que diversos foram os projetos desenvolvidos em conjunto, os quais vão para além do relacionamento amoroso dos dois, que também rompia com os padrões da época. Todavia, faz-se necessário apresentar que mesmo esta relação foi atingida pelo olhar aculturador de uma sociedade patriarcal, exemplo disso é a própria visita de Sartre e Simone ao Brasil em 1960, em que os Jornais noticiam que Sartre traz Simone com ele ao Brasil. As manchetes dos jornais confirmam este olhar coisificante para a mulher. Apesar de seu potencial enquanto filósofa, ela é reduzida a mera acompanhante de Sartre, é coisificada. É como se fosse possível um Sartre sem Simone, mas, jamais uma Simone sem Sartre. (ROMANO, 2002)

Simone e Sartre podem ser considerados acima de tudo parceiros intelectuais e de luta. A maioria dos livros de Sartre é dedicado a “Castor”, apelido dado por ele a Simone, demonstrando a sua importância na construção dos mesmos. Mas, um dos projetos mais significativos dos dois foi a revista *Les Temps Modernes* que surgiu após a catástrofe da Segunda Guerra Mundial e dominação Nazista. Ela primeiramente tinha como objetivo ser um espaço de reflexão, porém além disso, a revista torna-se um marco, onde dá origem a reportagem como um dos métodos para capturar a história e o presente. *Les Temps Modernes* abre ao mundo uma França que foi fechada na Segunda Guerra e dá espaço para ideias militantes, como por exemplo, as obras de Simone de Beauvoir e a bandeira

do feminismo. (CALADO, 2012).

Os dois permaneceram em um relacionamento até o ano de 1980, que se encerrou com o falecimento de Sartre. Simone faleceu no dia 14 de abril de 1986, tendo desenvolvido um edema pulmonar após uma cirurgia. Em seu enterro, foi lido o adeus que a mesma escreveu à Sartre “Sua morte nos separou. Minha morte não vai nos reunir”. (SEYMOUR-JONES, 2014)

Simone de Beauvoir sempre esteve muito à frente de seu tempo e apesar de estar em uma posição privilegiada, estando a mesma em um contexto de família de classe média, jamais desistiu de buscar uma independência, de certa forma para ela e demais mulheres. Foi uma revolucionária, abordando questões e reflexões sobre o feminino, sobre o ser mulher, o que naquela época, raramente era discutido. Estar em contato com obras de Simone é estar em constante desconstrução, é refletir o tempo todo e perceber que determinadas coisas e conceitos estão cristalizadas perante a nossa condição de mulheres. Devemos buscar a desconstrução e ampliar a nossa visão do que é ser mulher nos tempos atuais.

## **OS DIVERSOS OLHARES QUE CONSTITUEM O SER MULHER, APRESENTADOS POR SIMONE DE BEAUVOIR NA OBRA “O SEGUNDO SEXO”**

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Simone de Beauvoir, 1967.

Simone de Beauvoir em sua obra *O Segundo Sexo*, apresenta no primeiro volume o olhar que lançou-se às mulheres, no que se refere ao desenvolvimento biológico, histórico e psicológico. Já no segundo volume, Beauvoir descreve a experiência vivida. Neste livro, a autora utiliza de relatos de meninas e mulheres, para exemplificar como se desenvolve a diferenciação de comportamentos entre homens e mulheres, desde a infância até a velhice.

Conforme Simone apresenta, a sociedade simplifica o desenvolvimento biológico do homem, definindo este como simples se comparado ao da mulher. Ele cresce mais ou menos regularmente de seu nascimento até a puberdade, dos 15 ou 16 anos começa a espermatogênese que se estende até sua velhice; têm-se a produção de hormônios que determinam a constituição viril do soma e a partir de então tem uma vida sexual que

geralmente é integrada a sua existência individual: ele é seu corpo. (BEAUVOIR, 1949)

Já a história da mulher é complexa, e se constitui a partir de vários mitos, produzidos inclusive pela ciência biológica. Simone compreende que desde seu nascimento a espécie toma posse da mulher, seu organismo se desenvolve, porém o sistema genital mantém-se estacionado, dando uma pausa para a mulher/criança. No momento da puberdade, a espécie reafirma seus direitos sobre o corpo da mulher. O ovário cresce, óvulos chegam a maturidade e o ciclo menstrual se inicia, o sistema genital adquire seu volume e forma definitiva, o soma (corpo) feminiliza-se, o equilíbrio endócrino estabelece-se. “A mulher é adaptada às necessidades do óvulo mais do que a ela própria. Da puberdade à menopausa, é o núcleo de uma história que nela se desenrola e que não lhe diz respeito pessoalmente.” (BEAUVOIR, 1949, p. 48)

O corpo da mulher e seu funcionamento ainda hoje se encontra envolto por muitas mistificações, crenças e tabus. Um dos mais visíveis, e por muitas vezes naturalizado como feio, sujo e vergonhoso é o ciclo menstrual. Alguns dizem que é uma “maldição”, outros não conseguem nem falar a respeito, por acreditarem que se trata de algo sujo e impuro. É nesse período, entre dores e sangramentos, que a mulher sente seu corpo enquanto uma coisa opaca alienada. “(...) cada mês, uma criança prepara-se para nascer e aborta no desmantelamento das rendas vermelhas; a mulher, como o homem, é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa”. (BEAUVOIR, 1949, p. 49)

A gravidez também é apresentada por Simone, como um momento em que a mulher é alienada de seu corpo. Se na menstruação seu corpo é visto como sujo e impuro, na gravidez ele pertence também ao outro e de certa forma é mistificado como algo belo e sagrado, o que determina e cria uma esfera de obrigatoriedade de que toda mulher “precisa”, “deve” gerar uma criança. Todavia, negligencia-se a opinião ou possibilidade de escolha da mulher, daí a compreensão de Beauvoir (1949) de que a partir do momento em que o óvulo fecunda, a mulher sofre a maior das alienações. No desenvolvimento da gestação, podem ocorrer diversos fatores desfavoráveis, também há um desgaste tanto emocional, quanto físico e a hora de parir chega, o sofrimento e angústia continuam, o parto em si é doloroso e perigoso. Pode ocorrer da criança morrer, ou então, ao nascer, matar a mãe ou acarretar-lhe uma enfermidade crônica. O aleitamento é também um processo de servidão esgotante. E apesar de todas essas condições ainda tem se muita romantização da maternidade, como sendo um momento mágico, alegre e colorido.

A gestação é um trabalho cansativo que não traz nenhum benefício individual e exige, ao contrário, pesados sacrifícios. Acompanha-se, não raro, durante os



primeiros meses, de falta de apetite e de vômitos, que não se observam em nenhuma outra fêmea doméstica e que manifestam a revolta do organismo contra a espécie que dele toma posse. (BEAUVOIR, 1949, p. 50 )

A mulher está inserida em uma sociedade patriarcal, onde seu corpo é visto como pertencente ao homem, ao Outro e muitas vezes acreditam que seus corpos são feitos somente para fins reprodutivos, prazeres e desejos masculinos. A sua sexualidade não lhe pertence, são ensinadas que é errado se masturbar e que não podem negar sexo ao seu marido, que devem agradá-lo, independente de essa ser sua vontade ou não, são estupradas por seus próprios namorados ou esposos, e normalizam isso por terem uma “obrigação” de fazer sexo com os mesmos, como se os corpos não as pertencesse, e sim de seus companheiros. Muitas não tomam iniciativa, acreditam que seja papel do homem fazer isso, ou então não transam no primeiro encontro, com medo do que o homem irá pensar a respeito dela. É naturalizado que a sexualidade da mulher pertence ao homem, sem ter a necessidade de obter seu próprio prazer e conhecer seu corpo, mas sim, dar prazer ao companheiro.

No decorrer do desenvolvimento físico ao longo da puberdade, a diferenciação entre os gêneros se torna mais visível, para Beauvoir (1967, p. 28) “Quanto mais a criança cresce, mais o universo se amplia e mais a superioridade masculina se afirma”. Aos meninos, a puberdade traz a ideia de virilidade e força, o pênis tem um contexto privilegiado, enquanto ao desenvolvimento do corpo das mulheres, traz a ideia de feminilidade e fragilidade, seus órgãos são vulneráveis e delicados, e sua força muscular, resistência e agilidade são inferiores a dos homens (BEAUVOIR, 1967).

Beauvoir (1949) ao traçar o mapa biológico da mulher, ainda apresenta o envelhecer desta mulher e deste corpo. A mulher por volta dos cinquenta anos, entra no processo de menopausa, a atividade ovariana neste período diminui, quase desaparece, o que acarreta um empobrecimento de nutrientes vitais. Começa-se a ter baforadas de calor, hipertensão, nervosismo; há, por vezes, recrudescência do instinto sexual. Quanto mais ela se revolta contra seu destino para se afirmar enquanto indivíduo, mais pesado o mesmo se faz. Ao contrário do macho que parece muito mais privilegiado: sua vida genital não contraria a existência pessoal; desenvolve-se de maneira contínua, sem crise e geralmente sem acidente.

O que Simone busca afirmar com as características biológicas é que em nenhum momento do desenvolvimento biológico, tem algo que define a mulher enquanto inferior e o homem enquanto ser superior. Tem se as diferenças biológicas, porém nenhuma delas

especifica qual posição a fêmea deve ocupar perante o macho.

É preciso compreender que este privilégio biológico dos homens, de certa forma criado em premissas culturais, permite à eles se afirmarem como soberanos. (Beauvoir, 1949). Essa valorização social e cultural da virilidade, força e agilidade coloca as mulheres no lugar de inferiores, sendo essas consideradas fracas, frágeis, menos capazes. “Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino”. (Beauvoir, 1949, p. 97)

É preciso compreender que para além da inferioridade física, seu corpo também era destinado à maternidade. Constrói-se o mito de que a mulher é considerada determinada pela natureza como uma reprodutora, e essa determinação está enraizada nos costumes das sociedades, em que existe implicitamente a obrigação de gerar filhos.

De acordo com Beauvoir (1949, p. 79)

Não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir: tudo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proíbem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio.

Com o mito de determinação da natureza, biologicamente, a mulher é vista como uma força reprodutora. Beauvoir (1949, p. 79) escreve que “ela é para o homem uma parceira sexual, uma reprodutora, um objeto erótico, um Outro através do qual ele busca a si próprio.” Essa “obrigatoriedade” de reprodução, conseqüentemente leva a mulher à uma existência sedentária para cuidar dos filhos, e também do lar, enquanto o homem trabalhar para suprir as necessidades da família.

Esses ideais biológicos levaram à uma objetificação tanto da mulher quanto da natureza, e os fazem de objetos à serviço do mundo, e à serviço dos homens.

É portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro? (BEAUVOIR, 1949, p. 57)

Sabe-se que não é somente o biológico que reflete e constitui o olhar objetificante direcionado sobre a mulher. Beauvoir (1949) apresenta a psicanálise de Freud, e como esta, não se atém muito com o destino da mulher, porém pontua que a sexualidade na

mulher é tão desenvolvida quanto no homem, mas não a estudo por ela mesma. É mais uma vez a visão de um homem sobre o corpo e também sobre a psiquê da mulher. O olhar é comparativo e apresenta mais a visão masculina do que a feminina, ou seja, novamente a mulher é colocada sob o crivo do outro, no caso, do homem.

A partir da leitura de Freud, Beauvoir vai apresentar a ideia deste, que afirma que a libido desenvolve-se de maneira idêntica nos dois sexos.

Todas as crianças atravessam uma fase oral que as fixa ao seio materno, em seguida uma fase anal e atingem finalmente a fase genital: é então que se diferenciam. Temos entre ambos os sexos os erotismo, onde o masculino localiza-se no pênis; enquanto que na mulher, temos dois sistemas eróticos, Um, clitoridiano, que se desenvolve no estágio infantil e outro, vaginal, que surge após a puberdade (BEAUVOIR, 1949, p. 61).

Trecho importante para ser destacado é quando a autora esmiuça o estágio auto-erótico, a criança liga-se a um objeto fortemente, enfatizado pela Psicanálise Freudiana como um momento importantíssimo do desenvolvimento. Simplificando o complexo de Édipo, este acontece, quando o menino fixa-se na mãe e quer se identificar com o pai, porém teme que por isso o pai o mutila, o que desencadeia atitudes de agressividade com relação ao pai, mas reconhece ao mesmo tempo sua autoridade. Dessa forma o “complexo de Édipo” e o “complexo de castração” fortalecem-se mutuamente. A menina identifica-se com o pai, mas por volta dos cinco anos ela descobre a diferença física entre ambos, acredita que foi mutilada e sofre por isso. Freud pontua que a mulher sente-se um homem mutilado, e que os meninos têm seu pênis como uma experiência viva que lhe permite orgulhar-se dele.(BEAUVOIR, 1949)

Novamente aparece a complexidade do desenvolvimento da mulher pois, para o homem há somente uma passagem genital, sendo um processo teoricamente mais simples. Já para a mulher são duas etapas, dessa forma ela encontra-se bem mais propensa a não atingir o termo de sua evolução sexual, e a permanecer no estágio infantil do que o homem. (BEAUVOIR, 1949)

Simone em seu livro *O Segundo Sexo* (1949), cita Adler, um dos seguidores de Freud, ao perceber a insuficiência de um sistema que assenta unicamente na sexualidade o desenvolvimento da vida humana, ele decide separar-se de Freud e a apresentar novas ideias. Relacionado com a questão feminina, Adler pontua não é a ausência do pênis que provoca o complexo, na mulher, mas sim o conjunto que o envolve; a menina não inveja o falo a não ser pelos privilégios que o mesmo concede aos meninos. “O lugar que o pai ocupa na família, a preponderância universal dos machos, a educação, tudo a confirma na

idéia da superioridade masculina”. (BEAUVOIR, 1949, p. 64)

Todas as coisas são postas perante a mulher, como estando em posição de submissão, inferioridade. Através da maternidade ela alcança, por intermédio da criança um equivalente ao pênis, porém isso supõe que ela se constitui integralmente enquanto mulher, e que dessa forma aceita sua inferioridade.

Adler ainda complementa dizendo que “Todos atribuem à mulher o mesmo destino” (ADLER apud BEAUVOIR, 1949, p. 64). Primeiro, infantilmente ela identifica-se com o pai, depois é posta em posição de inferioridade perante o homem, e é pela maternidade que será recompensada com uma certa autonomia. Colocam a mulher em posição de objeto, de Outro e reivindicam sua liberdade. (BEAUVOIR, 1949)

A mulher define-se como ser humano em busca de valores no seio de um mundo de valores, mundo cuja estrutura econômica e social é indispensável conhecer, nós a estudaremos numa perspectiva existencial através de sua situação total. (BEAUVOIR, 1949, p. 72)

No decorrer do processo histórico, conforme foi se desenvolvendo historicamente, homens e mulheres contribuíram de diversas formas para a construção do que presenciamos nos dias atuais. Todavia, se o instrumento exigia muita força muscular, a mulher já encontrava-se em desvantagem perante o homem.

Na idade da Pedra, onde a terra pertencia a todos do clã, o homem caçava e pescava e a mulher cuidava do lar e produzia vasilhames, tecelagem e jardinagem, com isso tinha papel importante na vida econômica. Porém com a descoberta do cobre, do estanho, do bronze, do ferro, com o aparecimento da charrua, a agricultura estende seus domínios. O homem então recorre a serviços de outros homens, reduzindo a escravidão. Desta forma o trabalho doméstico e os objetos produzidos pela mulher não se comparam com o trabalho produtivo do homem. (BEAUVOIR, 1949)

Neste período surge a propriedade privada, e isso provavelmente legitimou a superioridade masculina, “A propriedade privada aparece: senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se proprietário da mulher.” (BEAUVOIR, 1949, p. 74) Isso possibilita ao homem afirmar sua superioridade sobre as mulheres, e se considerar até mesmo dono de seus corpos.

Engels (1975) afirma que a monogamia surge a partir do momento em que se tem grande concentração de riquezas nas mãos, geralmente, dos homens e os mesmos desejam transmitir isso aos filhos, com isso se faz necessário a monogamia da mulher, mas não do homem. Os homens passam a exigir a castidade da mulher, e caso a mesma cometesse

adulterio seria castigada, pois o homem possuía este direito.

Dessa forma surge a família patriarcal, onde a mulher é oprimida e esta família se afirma a partir do momento em que a transmissão da propriedade se faz de pai para filho, enaltecendo assim a figura do homem enquanto provedor e mantenedor da família. A igualdade entre ambos só se estabelecerá quando a mulher puder participar em grande medida social na produção, não sendo mais necessária em grande período de tempo ao trabalho doméstico. (BEAUVOIR, 1949)

Histórica e culturalmente podemos perceber que a diferenciação começa ainda na infância, com diferenças nas brincadeiras e estudos, a forma de se comportar, a forma de se vestir. E no decorrer do desenvolvimento, isso se torna ainda mais perceptível, e Beauvoir (1967, p. 28) afirma que “Quanto mais a criança cresce, mais o universo se amplia e mais a superioridade masculina se afirma”.

As mulheres dificilmente são incentivadas a estudar e a caminhar por si próprias, enquanto os homens possuem essa “obrigação”. Na maioria das vezes, as mulheres são incentivadas a se casar, e gerar filhos, sempre tendo uma imagem de feminilidade a zelar. A todo instante são impostos novos comportamentos, padrões e regras femininas, impõe que sejam atenciosas, esbeltas e obedientes.

*Ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil. A jovem deverá não somente enfeitar-se, arranjar-se, mas ainda reprimir sua espontaneidade e substituir, a está, a graça e o encanto estudados que lhe ensinam as mais velhas. (BEAUVOIR, 1967, p. 73)*

De acordo com a autora citada acima todas essas questões, a forma como ela, a mulher é vista, e o que é imposto a ela afeta sua constituição, o que muitas vezes leva a mulher a se portar e se ver como uma pessoa frágil e inferior aos homens. É imposto pela sociedade que sejam padronizadas, donas de casa, mães, submissas, e nessa influência muitas vezes se nega à mulher o direito de ser o que quiserem, quando quiserem. Sendo essa influência tão internalizada, acaba limitando para a mulher a compreensão de que ela é um ser livre e responsável por sua vida. Para isso, é importante que se olhe para essa mulher como um sujeito que é influenciado pelo universal, pela sociedade, pela cultura, pelo momento histórico em que está inserida, a fim de entender como ela se constitui dessa maneira.

### **A MULHER ENQUANTO SER PARA-SI**

A compreensão de homem e mulher são conceitos construídos histórico, social e

culturalmente. Esses conceitos ocasionam noções idealistas de como ser mulher ou homem, comportamentos que devem ser adotados, modelos que devem ser seguidos e estes, são naturalizados pela sociedade. Simone de Beauvoir afirma (1967, p. 9)

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

Esses conceitos naturalizados geram diferentes formas de vivência para homens e mulheres, e essa diferenciação existe desde que são crianças na forma de se vestir (estabelecendo cores e tipos de roupas a depender do gênero) na forma de brincar (divisão entre brincadeiras de meninas e meninos) e inclusive na forma de se comportar, “Para ser graciosa, ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proibem-lhe exercícios violentos, brigas” (BEAUVOIR, 1967, p. 23).

Desse modo no decorrer do desenvolvimento do homem e da mulher, existem várias diferenças. A mulher é incentivada a crescer, encontrar um homem para se casar, é imposta a necessidade de ter filhos, cuidar deles e da casa. Enquanto isso, o homem é incentivado a estudar, sonhar alto sobre suas futuras profissões, e pode escolher ser um pai ou não, cuidar dos filhos e da casa, ou não. Essas imposições são vistas desde quando são crianças, enquanto para meninas são feitos brinquedos de bonecas e casinha, para os homens existem brinquedos de construção, diferentes profissões, carros, bolas de diversos esportes.

Além disso, como o corpo da mulher é considerado uma posse dos homens, e sendo a eles que ela deve servir e agradar, seu corpo é sexualizado desde muito cedo, é colocado como objeto de desejo dos homens. São influenciadas a buscar padrões de beleza e uma aprovação masculina, como se dependessem disso.

Conforme leituras de *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir (1949) podemos perceber que desde sempre nas mídias o corpo da mulher é posto como algo objetificado, colocado em propaganda de cervejas para atrair os olhares e desejos masculinos, onde a mulher é posta enquanto submissa, sensual e sexy e com isso alcançam o lucro desejado.

A mulher, por mais que busque sua autonomia, é cercada por diversas propagandas que impõem que para ser aceita, precisa ter uma pele jovem, estar bem vestida, sempre depiladas e possuir um corpo esbelto, como exemplo temos as revistas, que em suas capas colocam modelos atraentes, olhares sedutores, auto realizadas e poderosas, mas a realidade é que ao invés de obterem com isso sua auto independência,

acabam virando escravas de um padrão de beleza que visa a sedução dos homens e agrado aos mesmos. (BEAUVOIR, 1949)

À vista disso o olhar voltado para a mulher passa a ser somente de um objeto de sedução e objetificação, não sendo vista como indivíduo possuidor de uma subjetividade. O que por vezes acaba fazendo com que os homens pensam que tem direito sobre esses corpos. A mulher é lançada em um mundo patriarcal que determina como ela deve ser, como deve se comportar, como se vestir, e como todas as pessoas, ela é afetada por essa cultura e sociedade. O ser humano se constitui em relação com o mundo, e é uma relação de reciprocidade, ao mesmo tempo que o sujeito se humaniza e se desenvolve pelas relações que estabelece, o mundo também se organiza através do sujeito, ou seja, nos constituímos enquanto seres concretos.

Desta forma, somos inseridos em uma sociedade, lançados ao mundo, e a partir disso, nos relacionamos com a sociedade, cultura, pessoas, coisas objetivas. Essa objetividade é muitas vezes pela mulher, internalizada, e cada mulher significa da sua própria maneira, construindo-se a partir de suas relações e internalizações “(...) essas questões objetivas são aspectos definidores de nossa subjetividade.” (SCHNEIDER, 2011, p. 114)

A internalização da cultura e sociedade, muitas vezes faz com que se naturalize algumas ideias, a ponto de não percebê-las mais como construídas, e sim como se já fossem inerente aos seres humanos, nesta ideia podemos perceber mulheres que reproduzem discursos antigos ou que criam novos abordando sua ação no mundo. O projeto de ser mulher é um movimento difícil de ser concretizado em uma sociedade marcada pelo patriarcado. Na tentativa de realizar seu projeto, ela depara-se com a angústia, tanto de ser um ser de liberdade, mas como também por estar inserida em um mundo que atribui significados para sua existência enquanto mulher. (BENEVIDES, 2018) A angústia decorre de nossa liberdade para fazer escolhas, porque quando eu escolho alguma coisa, naturalmente estou deixando outra para trás, o que me leva à angústia pela coisa que não escolhi, o sofrimento de pensar o que poderia ter acontecido se eu tivesse escolhido outra opção. “(...) existir implica em angústia e desespero. A obrigação de escolher, assim como o risco a que se está exposto, desespera.” (ERTHAL, 2004, p. 31)

Como a mulher se constrói em relação com o mundo, esse mundo patriarcal em que vivemos muitas vezes acaba por limitar suas possibilidades, e como certas concepções são tão naturalizadas tanto pelos homens quanto pelas mulheres, dificulta o

processo para que ela se perceba e se constitua enquanto um ser Para-Si. O Para-Si é a consciência humana, que está em relação com o mundo, permite que a pessoa olhe para si e reflita sobre si mesma, sobre o que gosta, o que quer, como se comporta, “O Para-Si é o Nada que invade o Ser e provoca a abertura no seu miolo.”(PERDIGÃO, 1995, p. 40) Apesar do mundo patriarcal e das naturalizações, a mulher, como todos os sujeitos, é um ser livre para realizar escolhas dentro de suas possibilidades.

Todos os seres são sujeitos livres, seres de liberdade. A partir do momento em que somos lançados ao mundo, nos deparamos com a necessidade de escolhermos, ou seja, de romper com a nadificação do mundo. Escolhemos dentro de nossas possibilidades, de nossas condições. “É a liberdade, como condição humana, que nos possibilita pensar em mudança, em transformação”. (SCHNEIDER, 2011, p. 175). O ser humano através da liberdade pode constantemente estar em transformação, a cada dia, a cada hora, temos a possibilidade de mudar quem somos, por isso somos um *vir-a-ser*.

Sartre (1970) aponta que, é independente o que fizeram de nós, mas o que nós fazemos perante o que fizeram de nós, sempre vamos fazer algo com aquilo, até mesmo se correspondermos às expectativas dos outros. Portanto, sou responsável pelo que sou.

A mulher, enquanto ser humano, perpassa esse mesmo processo, enquanto ser de liberdade, escolhe dentro das possibilidades seu destino e assim vai moldando o seu ser. Engana-se quem acredita que o ser humano, é um ser pronto e acabado, pois ele nunca chegará a um fim, de acordo com Schneider (2011, p. 126) “O ser do homem é, assim, um eu-no-horizonte, ou seja, um sujeito inscrito em um campo de possibilidades de ser.”

Dentro das possibilidade ela escolhe a si, a seu futuro e ao rumo que vai dar a situação em que se encontra. Cada mulher é livre para escolher o que é melhor para si, porém não devemos aceitar uma posição de submissão e opressão. Podemos perceber que Beauvoir (1949) em seus escritos, pontua muito a questão da mulher ser autônoma, de traçar projetos para si e de reafirmar-se enquanto um ser de possibilidades, onde possa escolher e desenvolver o que deseja, constituindo se dessa forma, como ser no mundo.

Para Sartre (1970) não há uma definição de ser humano, conseqüentemente do que é ser mulher, e não sendo possível isso, é essencialmente nada, ou seja, nenhuma natureza pode dizer como deve-se ser mulher, somos lançadas no mundo, não podemos escolher as condições de nosso nascimento, estando assim desamparadas de qualquer determinismo ou destino que nos sugere que fomos designadas para determinadas funções.

Sendo assim, apesar da influência do mundo em que vive, a mulher é liberdade.



Erthal (2004, p. 45) afirma que “pela liberdade, o indivíduo escolhe aquilo que quer ser e, assim, realiza sua essência”, portanto, a mulher é livre para escolher o que quer fazer, e quem ela quer ser, dentro das possibilidades e do contexto em que está inserida.

Não é possível fugir da liberdade, ela é inerente aos seres humanos, que fazem escolhas a todo momento. Quando nos abstermos de escolher, ainda assim estamos fazendo uma escolha, estamos escolhendo não tomar partido de uma determinada situação. Perdigão (1995, p. 87) escreve que “Ser livre é fazer escolhas concretas”. O indivíduo se constrói a partir de suas escolhas, e isso mostra que o Ser é inacabado, e tem diversas possibilidades.

Todas as pessoas desenvolvem um projeto original, a partir das experiências que vivencia durante sua vida. Esse projeto serve para guiar as escolhas que faremos. “É a determinação do projeto original: a pessoa cria uma imagem de si e realiza todas as suas escolhas a partir dessa opção primária.” (ERTHAL, 2004, p. 77) Ao realizarmos escolhas a partir do nosso projeto original, das coisas que queremos e acreditamos, estamos tendo uma existência autêntica. Porém, quando tentamos fugir da angústia da escolha, agimos de má-fé, nos livrando da decisão “na má-fé, o indivíduo ou está escondendo uma verdade que a seus olhos não parece agradável, ou está apresentando como verdade uma não-verdade prazerosa.” (ERTHAL, 2004, p. 140) Tentar fugir da angústia, agindo de má-fé, nos leva a uma existência inautêntica. Além da má-fé, fazer escolhas com base no que outras pessoas querem e acreditam, a fim de se encaixar em um padrão é uma forma de existir inautenticamente.

Apesar de muito se falar sobre feminismo e os direitos das mulheres, no contexto da psicologia, muitas vezes se traz um olhar para a mulher como vítima da sociedade, incapaz de realizar suas próprias escolhas a partir de seus desejos. O olhar que a Psicologia Fenomenológica Existencial traz, principalmente com as obras de Simone de Beauvoir, é que apesar das dificuldades, preconceitos e imposições naturalizadas que a mulher vivencia durante sua vida, ela é um ser livre, e sendo assim, pode escolher ser e fazer o que quiser.

É importante que a psicologia olhe para a mulher como um ser que se constrói por meio de sua relação com o mundo, é afetada por ele, e conseqüentemente, o afeta. Precisamos olhar não somente para a pessoa em si, mas também as vivências que ela teve, que constituíram e desenvolveram sua essência. Como a mulher desenvolveu sua essência a partir da relação que teve com o mundo. E que apesar dessa universalidade, cada pessoa e cada mulher, é um ser singular, que significa suas vivências de uma maneira particular.

Schneider (2011, p. 115) “Cada sujeito é um singular/universal, o que quer dizer que é um indivíduo idiossincrático, mas também é o fruto de seu tempo, das relações sociais que o engendram, é um universal.”

Ao olharmos para essas relações, é possível entender a mulher em relação com o outro, inserida em uma sociedade com uma cultura machista e patriarcal, sendo afetada por isso. Esse contexto pode muitas vezes ter sido subjetivado e naturalizado pela mesma, a ponto de ela não perceber o sofrimento que isso lhe causa.

A Psicologia, especialmente a clínica, se desenvolveu de uma forma elitizada, sendo prestada somente à quem tinha condições de pagar e com uma visão fechada, olhando somente para o sujeito, sem pensar seu contexto histórico, social e cultural. Atualmente, a Psicologia e seu campo clínico já percorrem o caminho sobre novos olhares, percebendo o sujeito e a relação que o mesmo estabelece com o mundo. “A psicologia clínica tem de ser concebida como um campo de produção científica de conhecimentos e de elaboração de uma práxis, com claros reflexos na cultura contemporânea.” (FOUCAULT, 1987, apud SCHNEIDER, 2011)

A Psicologia Clínica, começa a pensar de modo diferente, compreende o sujeito enquanto um ser que está no mundo e que precisa se relacionar para se constituir. Também começa a trilhar caminhos para com o seu compromisso social, o que antes era restrito para a burguesia, atualmente encontra espaços nos sistemas de saúde pública, asilos, hospitais psiquiátricos, poder judiciário, entre outros. A Psicologia Existencial Fenomenológica ao olhar para esse sujeito constituído em relação com o mundo, o entende por diversas dimensões, a sociedade em que ele cresceu e se relacionou, a cultura em que ele está inserido, a temporalidade em que ele vive. Isso propicia que tenhamos uma visão mais abrangente do indivíduo com quem trabalhamos, olhando para esses âmbitos e entendendo como eles influenciaram no sujeito em questão, como ele subjetivou e significou esse mundo em que está inserido, como ele escolheu se relacionar, e como essas relações influenciam na forma que essa pessoa realiza suas escolhas. (SCHNEIDER, 2011)

Com base nisso, a Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial deve buscar propiciar para as mulheres um espaço onde essa possa ser ouvida e acolhida dentro de seu contexto social e cultural, dando ênfase a forma como ela subjetiva este processo, como é afetada por ele, e como ela realiza suas escolhas dentro desse contexto. É importante entender como essa sociedade patriarcal influencia nas vivências das mulheres, mas acima de tudo, como as mesmas são seres de liberdade, livres para realizar escolhas dentro

de suas possibilidades, e podem escolher fazer e ser o que quiserem.

Apesar dos muitos direitos já alcançados, é importante que a Psicologia seja comprometida politicamente com os direitos das mulheres, a promoção de saúde, bem estar e a luta contra a violência de gênero, participando ativamente dessas questões.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com esta pesquisa, compreendemos que a construção do feminino se desenvolve desde o nascimento ao longo da vida. Esses ideais do que é ser mulher estão inseridos na cultura da nossa sociedade. Ao sermos inseridos no mundo esses ideais já estão pré estabelecidos, e nos relacionando com o meio social somos afetados, de maneira que as relações que estabelecemos influenciam na construção da subjetividade e identidade de cada pessoa, e na construção do ideal feminino.

Estes ideais vão muito além de questões biológicas, como a imposição de que a mulher precisa em algum momento de sua vida se tornar mãe, envolvem questões relacionadas ao seu comportamento frente a determinadas situações, como se vestir e seguir um padrão de beleza, sendo também vista como inferior aos homens. Após apresentarmos esta trajetória da concepção do que é ser mulher, compreendemos melhor muitas situações que ainda hoje ocorrem em nossa sociedade e são consideradas “naturais”, que estão cristalizadas em nossas subjetividades. Buscamos trazer estas discussões relacionando com a nossa atualidade e realidade.

Como essas questões culturais, sociais e biológicas influenciam na construção da subjetividade, muitas vezes é difícil para a mulher se perceber como um ser livre e responsável pelas suas escolhas dentro das possibilidades oferecidas pelo meio em que se encontra.

A mulher assim como qualquer ser humano, constitui-se, a partir de suas escolhas vai criando sua essência, como já dizia Sartre (1970, p. 7) “A existência precede a essência”, primeiro a mulher é lançada ao mundo, não escolhe nascer, mas existe neste mundo, após isso vai se constituindo, através de suas escolhas e vivências. A sua identidade nunca estará pronta e acabada, sempre será criada e renovada.

Muito caminho ainda temos a trilhar, para alcançarmos uma igualdade entre os gêneros, porém nesse processo de luta, progredimos muito desde a época em que Simone escreveu o Segundo Sexo. No Brasil, podemos citar o direito ao voto em 1972, que antes era somente os homens que possuíam, a primeira Delegacia da Mulher no ano de 1985, as quais terão o objetivo de proteger e investigar crimes de violência doméstica e sexual

contra as mulheres, as mulheres passam a fazer parte da Constituição Brasileira em 1988, tendo dessa forma os mesmos direitos e deveres que os homens, ao menos na teoria, a criação da Lei Maria da Penha em 2006, que tem por finalidade, coibir e prevenir a violência de gênero no ambiente doméstico e familiar ou de uma relação íntima de afeto. Todas essas conquistas alcançadas, só foram possíveis pelo apoio do movimento feminista que surge no Brasil no século 19, que busca esta igualdade de direitos, oportunidades e tratamentos entre os gêneros e também busca romper com a ideia de inferioridade feminina. (MELO, 2013)

A Psicologia tem papel fundamental neste processo, ela deve estar comprometida com essa transformação social, buscando diminuir essas desigualdades e ambiguidades presentes na questão dos gêneros e promovendo reflexões acerca das naturalizações e preconceitos sobre as mulheres. Com relação ao meio acadêmico e a psicologia, a pesquisa pode auxiliar na compreensão de como as questões sociais, culturais e históricas irão influenciar na construção da subjetividade feminina, e proporcionar meios para que as mulheres reflitam sobre as suas atuais vivências.

Também pode auxiliar a sociedade e as mulheres a expandir as opções, as possibilidades, para que a mulher possa estar ciente das escolhas que pode fazer, percebendo dessa forma, que não é um ser pronto e acabado, mas que possui o poder de escolha dentro de seu contexto e que pode ressignificar quem ela quer ser. Temos que promover espaços para que essas mulheres priorizem o que buscam para si mesmas e não para o Outro. Caso contrário, sua existência se resume em viver uma vida inautêntica.

A psicologia fenomenológica existencial busca atribuir aos seres humanos a responsabilidade por suas escolhas e projetos. A mulher é responsável por escolher sua existência concreta ao escolher não seguir e ainda criticar as normas estabelecidas para ela por ser mulher, porém ao negar as possibilidades de desconstrução dos discursos naturalizantes e normatizadores que as oprimem, acabam agindo de má-fé. (BENEVIDES, 2018)

Com isso, podemos perceber que ao longo dos tempos houveram várias conquistas femininas, mas muitas ainda precisam ser alcançadas. As mulheres modernas podem escolher estudar, trabalhar, cuidar da casa ou dos filhos, mas independentemente da escolha que realizam, são julgadas por isso. Esse julgamento afeta a sua vida, e muitas vezes a faz se sentir na “obrigação” de se adequar e agradar diferentes olhares para ser considerada feminina ou uma “mulher de verdade”. O machismo estabelecido na sociedade muitas vezes faz com que a mulher tenha nojo do sangue de sua menstruação,

faça inúmeras cirurgias e dietas para se adequar a um padrão de beleza, vista roupas e cores consideradas femininas, fazendo escolhas com base no que a sociedade espera da mesma, e não com base em seu projeto de vida.

Ao decidirmos voltar nossa pesquisa e estudo sobre essa temática, percebemos que não existem muitos materiais com enfoque da Psicologia Fenomenológico Existencial para as questões femininas e as influências que todas nós mulheres sofremos na construção de nossas identidades com muitos ideais socialmente impostos e as possibilidades para realizar escolhas sobre nossas vidas, e a responsabilidade pelo o que escolhemos. Adaptamos algumas leituras para que conseguíssemos alcançar o objetivo deste trabalho.

Ler Simone de Beauvoir e sua obra “O Segundo Sexo” nos possibilitou o desenvolvimento de nosso conhecimento e percepção acerca das vivências das mulheres nesse tempo e mundo. Apesar de experienciamos em nossas vida o ser e fazer-se mulheres, a leitura dessa obra nos auxiliou a perceber de uma maneira científica as naturalizações e imposições que a mulher experiência. Ao desenvolvermos esta pesquisa, ao longo das leituras e discussões, pudemos perceber que ainda temos diversas desconstruções a serem trabalhadas, portanto não pretendemos esgotar essa temática com essa pesquisa, mas sim realizar uma abertura para que esse tema possa ser trabalhado e refletido cada vez mais.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. O segundo Sexo: A Experiência Vivida. 2º ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. p. 499. Disponível em: <<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/autores/Beauvoir,%20Simone%20de/O%20Segundo%20Sexo%20-%20II.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2020

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo: Fatos e Mitos. 12º. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1949. p. 309.

BENEVIDES, Rafaele Fernanda Costa. Tornar-se mulher: A Experiência Vivida na Conjugalidade Contemporânea sob uma Perspectiva Fenomenológico-Existencial. 2018. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade de Fortaleza - UNIFOR, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://uol.unifor.br/oul/conteudosite/F10663420180711092912380891/Dissertacao.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

CALADO, Eliana Alda de Freitas. Autobiografias de Simone de Beauvoir: Sujeito, identidade, alteridade. 2012. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10823/1/2012\\_ElianaAldadeFreitaCalado.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10823/1/2012_ElianaAldadeFreitaCalado.pdf). Acesso em: 30 jul. 2020.

ENGELS, Friedrich. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. 1975.

ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. Psicoterapia vivencial: Uma Abordagem Existencial em Psicoterapia. Campinas, São Paulo.: Editora Livro Pleno, 2004. 232 p.

MELO, Alexandre de. Os fatos históricos que marcaram as conquistas das mulheres. 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3522/os-fatos-historicos-que-marcaram-as-conquistas-das-mulheres> Acesso em: 07 dez. 2020.

PERDIGÃO, Paulo. Existência e Liberdade: Uma Introdução à Filosofia de Sartre. Porto Alegre, RS: Editores L&PM, 1995. 294 p.

REIS, Ana Regina Gomes dos. Do Segundo Sexo à Segunda Onda: Discurso feministas sobre a maternidade. Orientador: Cecília Maria Bacellar Sandenberg. 2008. Dissertação (Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo Do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6436/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%20ana%20regina.pdf> . Acesso em: 7 set. 2020.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. A Passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960. São Paulo: Mercado das Letras, Fapesp, 2002.

ROSA, Graziela Rinaldi da; MACHADO, Rita de Cássia Fraga. Simone de Beauvoir: Uma filósofa feminista. In: PACHECO, Juliana. Filósofas: a presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre RS: Editora Fi, 2016. cap. 12, p. 233-254. ISBN 978-85-5696-050-4.

SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um Humanismo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 1970.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Sartre e a Psicologia Clínica. Florianópolis: Editora UFSC, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187669/Sartre%20e%20a%20psicologia%20cl%C3%ADnica%20e-book.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 18 set. 2020.

SEYMOUR-JONES, Carole. Uma relação perigosa: Uma biografia reveladora de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre. São Paulo: Editora Record. 2014.

### UNA MIRADA A LA CONSTRUCCIÓN DEL FEMENINO: UN ANÁLISIS DE LA OBRA EL SEGUNDO SEXO DE SIMONE DE BEAUVOIR

**Resumen:** El presente trabajo tiene como objetivo echar un vistazo a la construcción del femenino desde la perspectiva de Simone de Beauvoir, en especial de la obra “El Segundo Sexo”. En la construcción de este, se tuvo en cuenta las contribuciones que la misma desarrolló para comprenderla constitución de lo femenino y cómo las relaciones sociales y culturales influyen en la construcción de un estereotipo bajo el ser mujer. Se buscó reflexionar y dar visibilidad a una temática que sigue siendo muy descuidada de la sociedad. Y la mayoría de las veces presentada en un discurso que nos remite a una sociedad patriarcal, donde la mujer es sumisa al marido y al hogar, y el hombre es al que se reconoce como el único proveedor de la familia. A pesar de esto, la sociedad sigue avanzando mucho en ciertos aspectos de la independencia y conquista femenina, y es importante que la psicología lance su mirada hacia esas mujeres, sus vivencias y el

significado que dan a su existir, y hacía este ideal nombrado por reglas patriarcales de “femenino”.

**Palabras clave:** Beauvoir; Construcción de lo femenino; Existencialismo; Feminismo; Patriarcado.